

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Ano 17 - Agosto de 2021 - Nº 142 · (21) 97143-4821 · Site: www.jaajrj.com.br · facebook.com/jaajrj

Editorial



Nossa luta é pela democracia

Em julho, o presidente da Câmara, deputado Arthur Lira, recebeu um duro recado do ministro da Defesa, Walter Braga Netto, por meio de um importante interlocutor. O general pediu para comunicar que não haveria eleições em 2022, se não houvesse voto impresso e auditável. Ao dar o aviso, o ministro estava acompanhado de chefes militares do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. O presidente Jair Bolsonaro repetiu publicamente: “Ou fazemos eleições limpas no Brasil ou não temos eleições”.

O mês de agosto evidenciou a escalada do autoritarismo e do fascismo no Brasil. O presidente Jair Bolsonaro intimidou, provocou e ameaçou quem atrapalhasse sua batalha lunática pela PEC do voto impresso.

A Carta Capital publicou que “a obsessão do presidente Jair Bolsonaro pelo voto impresso foi destaque no NY Times que alerta para o risco de ‘tomada de poder’ e compara as ameaças do mandatário brasileiro com as de Donald Trump”.

Agosto está sendo terrível. Tivemos o cômico desfile da Marinha em Brasília, que não deixa de ser uma afronta e um recado. Depois da derrota na Câmara dos Deputados da PEC do voto impresso, Bolsonaro fez ameaça de impeachment de ministros do STF. Agora uma mensagem enviada por Bolsonaro chamando apoiadores às ruas no 7 de setembro e alardeando a necessidade de um “contragolpe”.

Os governos autoritários não respeitam a democracia e nem fazem questão de esconder isso. A democracia tem as suas inúmeras falhas, mas precisamos lutar para preservá-la. A democracia é o governo do povo, pelo povo, para o povo.

O JAAJ está nessa luta em defesa da democracia e pelo Fora Bolsonaro.



Arte de Lucas Sargentelli

Silvia Baptista afirma, em entrevista ao JAAJ, que não houve participação popular na revisão do Plano Diretor *Página 5*



Cláudia Scott: eu sobrevivi a três demissões *Página 4*

Os primeiros ocupantes da Baixada de Jacarepaguá: os sambaquis da Estrada da Caiera *Página 6*

Sítio Roberto Burle Marx é “Patrimônio Mundial” *Página 8*



Cultura em Jacarepaguá

Zulu 4-Ó: poeta do slam
Arte na Educação é preciso
Sarau na Favela em homenagem à poetisa Cora Coralina
Rádio 107,5 FM Jacarepaguá
A arte do escondidinho de inhame
Páginas 2, 7 e 8



O aumento do preço das carnes e o consumo de proteína animal no Brasil

Letícia Ribeiro Leite
Técnica em Nutrição e Dietética
Texto & foto
Instagram @leticiatecnu01

O Brasil está entre os principais produtores e exportadores de carne no mundo, de acordo com estudos publicados por volta do ano de 2013, grande parte do que se produz no país é consumido nele mesmo, em decorrência da elevada demanda existente pelos consumidores brasileiros.

No entanto esse cenário de consumo de carnes está sofrendo modificações devido a diversos fatores, como mudanças no comportamento alimentar e elevação dos preços dessa fonte de proteína animal.

O aumento dos preços das carnes está relacionado com diversas questões, sendo que até o clima influencia nos preços, pois se em determinada época os produtores enfrentam uma estiagem muito longa ou geadas, isso irá afetar a produção de alimentos que são a base da ração utilizada na alimentação dos animais que serão destinados ao abate, ou seja, esse produtor irá ter um gasto maior para criar esse animal e esse aumento nos gastos será repassado aos consumidores através do preço de aquisição do produto nos supermercados.

Um dos principais substitutos da carne é o ovo, já que esse produto além de rico em proteínas, contém diversos nutrientes e vitaminas em sua composição. De acordo com estudos publicados em 2019, o con-



sumo de ovo no Brasil não é algo padrão e isso ocorre pelo fato de que o consumo é influenciado por características que envolvem o perfil econômico, social e cultural do consumidor, por exemplo.

Em 2019, o consumo de ovos no Brasil foi de 230 ovos por habitante, atualmente devido a elevação dos preços das carnes, esse número certamente sofreu um aumento.

Diante dessas informações, é possível afirmar que de acordo com os preços dos produtos no mercado, o consumidor precisa modificar e adaptar o seu consumo de alimentos, a fim de não ultrapassar o seu orçamento mensal e manter um consumo adequado de nutrientes necessários ao seu organismo.



Cozinha da Tia Nelk

Escondidinho de Inhame

Ingredientes

Cobertura
3 inhames médios cozidos
1 batata média cozida
1 ovo
25 g de queijo parmesão
1 caixa de creme de leite
1 colher (sopa) cebolinha
1 colher (sopa) salsinha
Sal e pimenta do reino a gosto

Modo de Fazer

Amasse os inhames e a batata. Adicione o ovo, o queijo, as ervas e misture. Vá acrescentando o creme de leite aos poucos até formar uma massa molinha. Coloque sal e a pimenta do reino a seu gosto.

Recheio

1 vidro de palmito
1 copo de requeijão
10 azeitonas picadas
1/2 cebola média picanha
3 tomates picados
2 colheres (sopa) salsinha
2 folhas de louro
1 colher (sopa) de manteiga
1 colher (sopa) páprica



Sal e pimenta do reino a gosto

Modo de Fazer

Frite na manteiga a cebola com os tomates. Coloque o louro e a salsinha, as azeitonas, os palmitos picados e a páprica. Deixe o molho reduzir em fogo baixo. Coloque o sal e a pimenta do reino. Adicione o requeijão e acerte os temperos.

Montagem

Em um refratário untado com manteiga coloque o molho cremoso, a cobertura e o restante do queijo por cima. Leve em forno baixo (180°C) até gratinar o queijo. Sirva acompanhado com arroz branco e salada verde.

Um beijo e um queijo! :)

A pandemia não acabou

Atenção redobrada com a Covid-19 e suas mutações, em especial a variante delta que cresceu assustadoramente na cidade do Rio de Janeiro.

A mutação delta já mostrou ter uma capacidade de transmissão muito maior do que as variantes anteriores. Ou seja, replica mais, transmite mais, se propaga mais. E já mostrou também uma alta letalidade sobretudo nos grupos não vacinados.

É bom lembrar, que no ano de 2021, em cerca de 6 meses, morreram mais pessoas pela Covid-19 do que em todo o ano de 2020. Até 7 de janeiro de 2021, no começo deste ano, nós tínhamos 200 mil mortos. De 7 de janeiro de 2021 até agora nós chegamos a quase 600 mil mortes. Ou seja, morreram mais pessoas este ano por Covid-19, nestes primeiros seis meses, do que em todo o ano passado. Então, todo cuidado é pouco. A maldita pandemia não acabou.



Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

Dicas para arrasar na escrita

Olá, queridos leitores, tudo bem? Nesta edição vou mostrar cinco dicas espetaculares para que a escrita de vocês flua naturalmente. Lembro com ênfase que a base de bons textos é manter a leitura aguçada por pelo menos um momento do dia, certo?

Sigam estes bizus e colham os melhores resultados!

Dica 1: conheça bem as palavras que for usar. Para isso, consulte o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa) ou o Michaelis On-line.

Dica 2: evite repetições e utilize sinônimos. Para isso, trabalhe com o site sinônimos.com.br. Mas lembre-se de adequá-los

de acordo com o contexto.

Dica 3: pratique bastante leitura e escreva com o dicionário ao lado caso tenha dúvida no significado ou no sentido de alguma palavra.

Dica 4: treine sempre a escrita. Para isso, escreva no mínimo, um texto por semana.

Dica 5: ao terminar o texto, revise-o quantas vezes forem necessárias.

Curtiram as dicas? Haverá mais na próxima edição! Acesse às minhas redes sociais e acompanhem os meus conteúdos de Língua Portuguesa e de Redação: @professora_julianabernardo (Instagram). Profa. Juliana Bernardo (Facebook).

EXPEDIENTE

JORNAL **ABAIXO ASSINADO** JPA
O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64
Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
www.jaajrj.com.br - Tel (21) 97143-4821

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Alexandrina, Almir Paulo, Anna Karolina, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Erick Correia, Humberto Peixoto, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, João Magalhães, Letícia Ribeiro, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar, Miguel Pinho, Paulo Silva, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabral), Severino Honorato, Sílvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo e Wladimir Loureiro.
Coordenação Geral: Almir Paulo.

Arte e Diagramação: Jane Fonseca.
Site: Sílvia da Costa e Aguinaldo Martins
Instagram: Letícia Ribeiro, Miguel Pinho e Vanessa Guida
Facebook: Carla Scott, João Magalhães, Pedro Ivo e Sílvia da Costa
Comissão de Cultura: Anna Karolina, Cíntia Travassos, João Magalhães, Marcus Aguiar, Nélio Fernando, Severino Honorato e Vanessa Guida

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.

Pesquisa do JAAJ

A equipe do *Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá e das Vargens (JAAJ)* deseja aprimorar a experiência de comunicação com os seus leitores e/ou apoiadores, por isso criou um questionário que objetiva conhecer um pouco mais sobre as características do nosso público-alvo, no intuito de construir um jornal mais dinâmico, participativo e atraente. Não precisa se identificar.

Por favor, preenchem nosso formulário em:

<https://forms.gle/haXwuJ7c3krnjfKA>



Luiz Claudio Silva
Cofundador do Museu
das Remoções

Vila Autódromo: 'existe, resiste e reexiste'

Breve histórico: surgimento e perseguição com as ameaças de remoção

A comunidade da Vila Autódromo, situada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, criada no final da década de 1960 como uma colônia de pescadores, por estar às margens da lagoa de Jacarepaguá, teve seu nome registrado e consolidado a partir da grande obra automobilística do Autódromo de Jacarepaguá. Muitos pescadores que viram na pesca da região o seu meio de subsistência, começaram a migrar para esse território, dando início à construção de suas histórias com a formação de suas respectivas famílias. A Vila Autódromo, na época, era uma área abandonada e esquecida, sem nenhum valor comercial, porém com importante biodiversidade — jacaré, capivara, pato do mato, esquilos, gambás, lagartos, aves diversas, entre outros.

Como outras comunidades, a Vila Autódromo, em virtude de suas riquezas naturais e da proximidade com a área urbana da cidade, começou gradativamente a crescer e progredir, sempre com muita organização. Em 1989, algumas famílias, oriundas da comunidade Cardoso Fontes, foram assentadas na Vila Autódromo pelo então prefeito Marcello Alencar. A esse grupo se somaria outro assentamento de mais 60 famílias, por iniciativa da própria Secretaria da Habitação e Assuntos Fundiários, em 1994.

Com a construção do prédio da associação de moradores, a comunidade obteve, também em 1987, o seu registro formalizado juridicamente, surgindo então, de modo oficial, a Ampava (Associação de Moradores, Pescadores e Amigos da Vila Autódromo). Com toda a evolução imo-



A luta permanente deu fruto

biária no entorno da Vila Autódromo, acompanhada da valorização do território e do metro quadrado que ficava cada vez mais caro, não demorou muito para começar a perseguição com ameaças de remover a comunidade. Em 1993, no primeiro mandato do prefeito Cesar Maia, a Vila Autódromo sofreu a primeira tentativa de remoção, por meio de uma ação civil pública movida pelo então subprefeito da Barra e Jacarepaguá e, hoje, atual prefeito da cidade, Eduardo Paes. O argumento era de que a Vila Autódromo causava “danos estéticos e ambientais” à área. (Processo nº 0081973-19.1993.8.19.0001)

A Vila Autódromo sofreu ameaças de remoção por mais de duas décadas, por motivos inconsistentes, pois sabemos que a real motivação sempre foi a especulação imobiliária. Mas a comunidade sempre resistiu e conseguiu permanecer!



Saudade de nossa Vila Autódromo



A demolição das casas na Vila Autódromo pelo governo Paes



Meio Ambiente & Turismo
Carla Scott - Ecologista

Prefeitura do Rio de Janeiro é condenada a realizar o replantio de mudas em Jacarepaguá

O Tribunal Regional Federal da 2ª Região julgou que a Prefeitura do Rio de Janeiro deve realizar o replantio de 3.587 mudas e de 108 metros quadrados de massa arbustiva, em virtude da medida compensatória ambiental fixada em 2011. Esta decisão atende ao recurso do Ministério Público Federal, que entrou com ação de execução em 2018 do Termo de Compromisso firmado pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Esta compensação refere-se à remoção de vegetação e a um aterro de trecho de manguezal localizado às margens da lagoa de Jacarepaguá, dano causado pelas obras da Transcarioca e alargamento da av. Abelardo Bueno.

Como o órgão municipal não se manifestou, o MPF ajudou, em 2018, a ação de execução do Termo de Compromisso. Nesta ação, o MPF pede que a Justiça Federal determine o cumprimento forçado do plantio.

“Como narrado na inicial, o Termo de Compromisso foi firmado em 08.09.2011 objetivando medida compensatória concedida pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente à Secretaria Municipal de Obras, em razão dos danos ambientais causados pela implantação de corredor viário ‘Transcarioca’ e a remoção de 128,32 m² de vegetação e corte de 265 árvores,



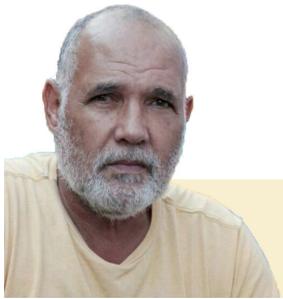
Corredor BRT transcarioca derrubou parte da vegetação às margens da Lagoa de Jacarepaguá

no aterro do manguezal situado às margens da lagoa de Jacarepaguá. Sendo assim, não se trata de simples documento interno da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, como entendeu o Juízo *a quo*, e sim de título executivo extrajudicial.”

A decisão lembra ainda que “manguezais são considerados recursos naturais de preservação permanente, por determinação da Lei nº 4.771/1965, e com nova redação dada pela

Lei nº 12651/2012”.

O MPF agora exige que a Prefeitura do Rio de Janeiro cumpra integralmente o termo de compromisso firmado, promovendo o replantio da vegetação e recuperando as margens das lagoas da Barra e de Jacarepaguá, que foram muito afetadas pela expansão urbana (Ref.: Apelação Cível nº CNJ 0072782-06.2018.4.02.5101).



Aguinaldo Martins
Coordenador do JAAJ Bangu
e Vila Kennedy - Texto e fotos

Na manifestação “Fora Bolsonaro”, no centro da cidade do Rio de Janeiro, dia 24 de julho passado, além dos tradicionais coletivos partidários, sindicais, estudantis e militantes independentes, foi possível identificar a presença de um grande número de grupos de artistas, entre eles, a Escola Nacional de Circo, o grupo de teatro Tá na Rua, dirigido por Amir Haddad. Artistas em pernas de pau fizeram performances por todo o trajeto da manifestação.

Estandartes e faixas identificavam cada grupo com palavras de ordem, com as letras e cores características de cada um. As torcidas organizadas dos maiores clubes do Rio estenderam suas faixas na avenida e caminharam unidas num mesmo propósito. E foi com grande alegria que reencontrei o histórico MNU – Movimento Negro Unificado, com seus membros marcando presença, como nos momentos mais importantes da nossa história.

A ausência notada foi dos movimentos associativos de

No ‘Fora Bolsonaro’: quem é você na multidão?



moradores, pelo menos de forma institucional.

Destaco a participação de jovens e crianças — até na barriga de uma mulher grávida. E algumas portavam cartazes e bandeiras ao lado de seus responsáveis. Foi com muita alegria que minha neta, de 16 anos, estreou numa manifestação, em minha companhia, mas por vontade própria.

Continuaremos na rua em defesa da democracia, contra o desemprego e por mais vacinas. Ditadura Jamais! Permaneceremos na rua pelo impeachment de Bolsonaro.

Então, leitores do JAAJ, nos encontraremos nas ruas.



Eterna Aprendiz

Cláudia Scott
Publicitária
Instagram: @claudia_scott1

A primeira demissão a gente nunca esquece. Eu havia pedido demissão de uma empresa que eu gostava muito, onde trabalhava há 12 anos, para assumir uma posição executiva em outra empresa. Ponte aérea, motorista buscando no aeroporto, viagens internacionais, porém, após dois anos e meio, as operações no Rio de Janeiro terminaram e, então, eu precisava escolher: ir para São Paulo ou... enfim, fui demitida. Até esperava que isso pudesse acontecer.

Na noite da minha demissão, houve um vendaval e uma daquelas chuvas torrenciais. O vento foi tão forte que derrubou uma árvore gigante na rua em que moro. Em meio ao estrondo dos fios de energia elétrica se rompendo com a queda, e a chuva que caía, eu também chovi. Ou melhor, chorei. Dentro de mim existia aquela sensação de que troquei o certo pelo duvidoso. De que troquei 12 anos de estabilidade por dois anos e meio de uma aventura inconsequente.

Um mês depois, graças a Deus, já tinha me recolocado em outra empresa. Ganhando menos, mas trabalhando com um ex-diretor com o qual eu tinha adorado trabalhar no passado.

Quando a gente trabalha com pessoas que a gente admira (e que nos fazem aprender todos os dias), recebemos mais e mais conhecimento, além de espaço para sermos o melhor de nós. E isso, sem dúvida, era um salário indireto que compensava a redução em relação à empresa anterior. Bons tempos que também se encerraram após quase quatro anos. A limitação das operações no Rio estava começando, mas, dessa vez, sinceramente, eu não esperava que essa situação fosse me atingir. Não esperava que isso pudesse acontecer.

No dia de minha segunda demissão, cheguei em casa

Fui demitida três vezes e... sobrevivi!



Depois de uma das demissões, Cláudia foi ser voluntária nos Jogos Paralímpicos 2016

meio envergonhada. Tinha recusado uma proposta de mudança de emprego recentemente e me senti uma verdadeira idiota por não ter aceitado. No entanto, não adiantava ficar remoendo minha decisão e não fazer nada.

Uma semana depois, fui trabalhar. De graça! Fui ser voluntária nos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Também tinham me chamado para ser voluntária nos Jogos Olímpicos, mas, como estava trabalhando, recusei. Quando recebi a ligação para ir para os Paralímpicos, aceitei imediatamente. Lá recebi um “tapa na cara” do que é a superação humana.

Vários atletas paralímpicos sofreram mutilações, acidentes e tombos que os colocaram naquela condição física. Mesmo assim, se reergueram e superaram todos os

limites para estarem ali, na minha frente, competindo lindamente. Assistindo a uma partida de basquete em cadeira de rodas, lá estava eu (toda linda com meu uniforme de voluntária) segurando o choro. Fiquei envergonhada (comigo mesma) de estar reclamando do meu segundo “tombos”, da segunda demissão, diante de tantos exemplos de superação que passavam na minha frente.

Voltar ao mercado de trabalho formal, dessa vez, levou mais tempo. Acabei retornando, oito meses depois, para uma posição operacional, ganhando menos ainda, mas feliz por estar voltando à ativa. Fui questionada (por muitas pessoas) como eu estava tendo a coragem de regredir tanto na minha carreira. Mas nunca me preocupei com isso. Afinal, jamais tive vergonha de trabalhar.

Depois de aproximadamente um ano e meio, a empresa me transferiu para outra área, mas a vaga para a qual eu estava destinada foi cancelada. Assim, novamente, fui demitida. Dessa vez, eu estava percebendo que alguma coisa não ia bem (em função da demora da criação dessa vaga), mas também não imaginava mais uma demissão.

Às vezes me passa pela cabeça que, se eu ainda estivesse na empresa da qual pedi demissão, estaria bem colocada, fazendo o mesmo que sempre fiz. Mas imediatamente penso que, se eu não tivesse optado pelo novo, não teria conhecido tantas pessoas e lugares novos, não teria tido um piriri antes de subir no avião, não teria tido frio na barriga, não teria passado por todas as três demissões e não teria aprendido tudo que aprendi.

Afinal, a vida é como aprender a andar de bicicleta: a gente cai e se levanta, cai e se levanta, tantas vezes, que uma hora a gente aprende que tombos fazem parte do risco de pedalar livremente com a brisa no rosto. Tombos também fazem parte do risco de nossas escolhas diárias no exercício de viver.

Você sabe o que é o Plano Diretor da cidade do Rio de Janeiro?

É o debate sobre a cidade que queremos. E a população deve participar, para evitar que o interesse do capital predomine

Silvia Baptista diz que não houve participação popular no processo de revisão do Plano Diretor

A colunista do *Jornal Abaixo-Assinado (JAAJ)* Jane Nascimento entrevistou Silvia Baptista, preta de ancestralidade quilombola, mestra em Ciências, doutoranda em Planejamento Urbano (UFRJ), participante na coletiva popular Teia de Solidariedade da Zona Oeste, nascida e criada nas Vargens.



Foto: Coletiva Bem Viver

as audiências, participaram mais como ouvintes dos técnicos do que para compreender as demandas e possibilidades da população organizada. O formato digital, além de cansativo, é pouco interativo. Em audiências públicas, grande parte do tempo foi empregada na exposição feita pelo executivo, que não soube (ou não quis) construir formas de comunicação popular para repassar os conteúdos com antecedência para a assimilação coletiva, deixando que a sociedade civil se manifestasse nas audiências.

JAAJ – A participação popular tem influenciado esse projeto?

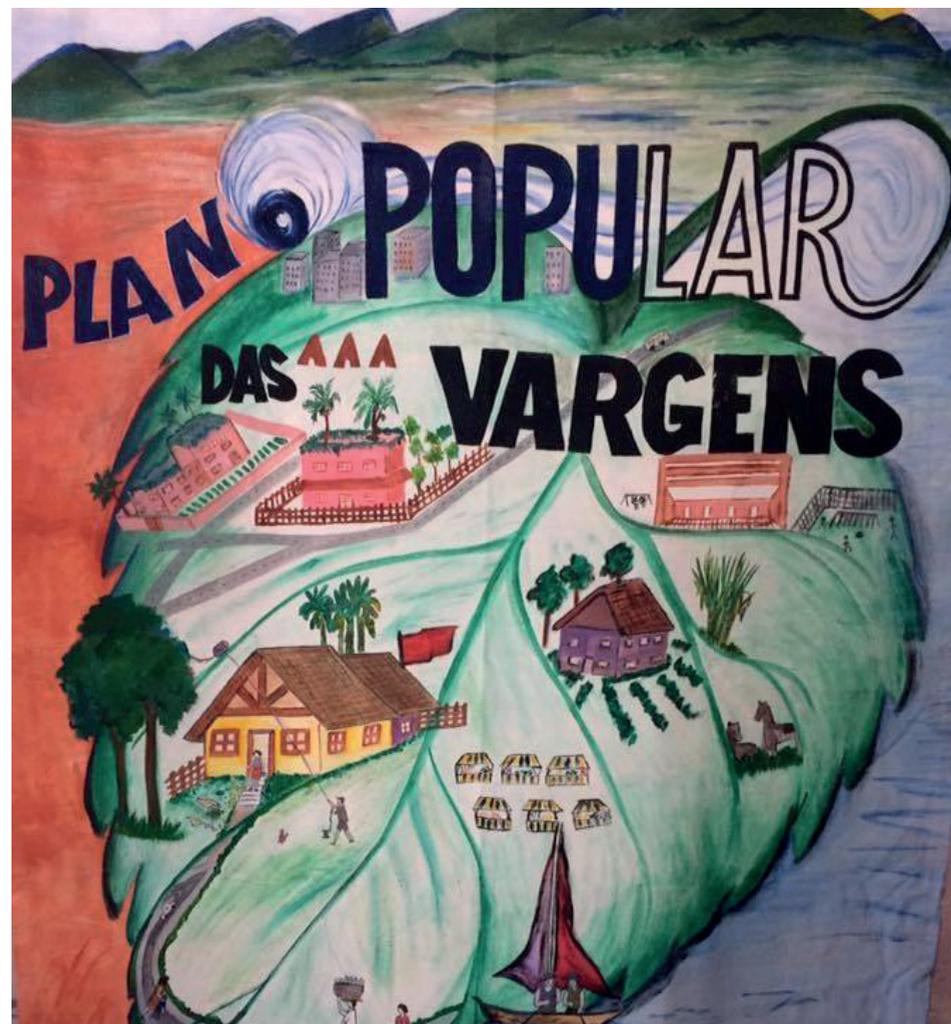
Silvia Baptista – Não posso dizer que houve participação popular no processo de revisão do Plano Diretor. Há um grupo abnegado de militantes históricos tentando mitigar os possíveis danos à vida nas favelas, quilombos e demais assentamentos populares.

JAAJ – Caso tenha influenciado, como você avalia essa participação?

Silvia Baptista – A participação popular não é algo instantâneo. É um processo. Entendo que os governos anteriores do prefeito Eduardo Paes foram tão lesivos aos direitos da classe trabalhadora, que deixou um descrédito e um cansaço na luta pelo direito à cidade. Foram mais de 70 mil pessoas removidas arbitrariamente e com violência, e levadas para lugares sem infraestrutura, sem emprego, sem mobilidade, submetidas às forças paramilitares. Creio que isso provoca um trauma. Uma ferida no tecido social da cidade. Não seria com algumas enquetes malfeitas na internet que uma participação popular autônoma e crítica poderia ser restaurada. Precisaríamos de muito tempo e diversos compromissos mútuos. Mas isso não ocorreu. Eduardo Paes tem pressa e, mais uma vez, “atropelou” a democracia municipal.

JAAJ – Você acha que a pressão popular pode alterar algum princípio ou diretriz do Plano Diretor, em favor do povo?

Silvia Baptista – Eu acredito no poder popular. Trabalho e estudo com esse foco. Há a mais absoluta necessidade de nos debruçarmos sobre a organização popular autônoma. Estamos numa catástrofe mundial — só no Brasil há quase 600 mil



Arte de Jane Nascimento para a Articulação Plano Popular das Vargens

mortes por uma doença evitável. Há fome. Há desemprego. Os acidentes climáticos avançam com velocidade assustadora. Então, não é apenas a cidade do Rio de Janeiro que precisamos mudar. É essencial construirmos [ontem] uma nova sociedade, e isso depende de nossa capacidade de avançar na organização do povo. Avante.

JAAJ – Você pode fazer uma síntese do que tem pensado e o que a preocupa sobre o plano popular em relação à Zona Oeste?

Silvia Baptista – Eu brinco que tem uma Zona Oeste Nutella (Barra da Tijuca e Recreio). Não falo destes bairros. Há uma disputa a respeito do que é a Zona Oeste. Falo a respeito de uma Zona Oeste raiz, do entorno imediato do Maciço da Pedra Branca à Santa Cruz, de Bangu a Guaratiba. Um recorte no qual você encontra níveis de exclusão social semelhantes, de desemprego, de baixa renda, de falta de saneamento. Para essa Zona Oeste haveria a necessidade de uma reparação orçamentária, mas não somente isso. A concentração do orçamento na região da

Barra da Tijuca e o investimento no megaprojeto dos jogos globais empurraram para Campo Grande e Santa Cruz uma população que tem urgência de comida, de água, de saneamento, de emprego, de mobilidade. E, para mim, isso requer solução imediata, é uma situação emergencial para o orçamento de 2022 e para o Plano Plurianual. Penso que a prioridade é Santa Cruz, Campo Grande. E esta deve ser o combate à extrema pobreza dentro de uma cidade RICA.

JAAJ – Como fazer isso, Silvia?

Silvia Baptista – É bem difícil, por conta do autoritarismo e da violência vigentes nesses territórios. Neste contexto, estamos investindo em novas formas de estruturação e privilegiando a organização das mulheres pretas, pobres e periféricas, com o apoio de mulheres antirracistas e de homens que se dediquem a entender como deixar a misoginia, o machismo e o patriarcado para contribuir com o empoderamento das mulheres em organizações populares. É um novo paradigma organizativo.

Silvia Baptista é militante do Sertão Carioca, da nossa Zona Oeste do Rio de Janeiro

JAAJ – Como moradora que vai atrás dos direitos coletivos para a sua região, como você analisa o Plano Diretor da cidade do Rio de Janeiro?

Silvia Baptista – Há de fato um sentir-pensar coletivo. Temos nos debruçado sobre este tema na Teia de Solidariedade Zona Oeste, no Fórum Popular do Plano Diretor, e em uma série de encontros do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ). O Plano Diretor deveria ser um processo em que cada cidadão ou cidadã pudesse pensar a cidade a partir de seu lugar e de seus deslocamentos pelo Rio de Janeiro. Houve um debate para que o prefeito Eduardo Paes estendesse o prazo. No meu caso, questionei desde o início o formato digital em uma situação de grande exclusão digital da classe trabalhadora, da periferia, das favelas, dos quilombos. Esse processo não tem participação legítima, ocorreu de forma precipitada e, portanto, deixou a desejar.

JAAJ – Como você vê as audiências públicas sobre o Plano Diretor sob o olhar dos órgãos governamentais?

Silvia Baptista – Além do exposto na resposta anterior, identifica-se uma fragmentação dos temas em grupos de trabalho. Por exemplo, participei do Grupo 6, que tratava da Lei de Usos e Ocupação de Solos. Outros grupos discutiam temas convergentes como o ordenamento territorial e o zoneamento. Uma vez por semana havia uma proposta de apresentação dos resultados dos seis grupos. Porém, no formato digital, esses grupos, assim como

A invisibilidade dos primeiros ocupantes da Baixada de Jacarepaguá: os sambaquis da Estrada da Caieira

Por Marcelo Sant' Ana Lemos*

Conhecemos muito pouco sobre o processo de ocupação humana da Baixada de Jacarepaguá, antes da conquista do território pelos portugueses e seus aliados, em 1567. Um dos motivos para isso foram as sistemáticas destruições dos sambaquis e de sítios arqueológicos pré-coloniais e de contato, ao longo do século XIX e XX. A maior parte dos sítios sequer chegaram a ser estudados, em sua maioria já estavam destruídos (poucos chegaram a segunda metade do século XX) e alguns foram objeto de salvamento por parte dos arqueólogos.

Da década de 1960 em diante houve um grande descaso no cumprimento da legislação vigente, por parte do poder público e das empresas construtoras, que participaram da corrida imobiliária na Barra da Tijuca (parte da planície ou baixada de Jacarepaguá), acarretando possíveis ocultações de sítios arqueológicos desconhecidos e destruição de outros registrados que se encontravam nos terrenos dos empreendimentos, para evitar paralisações e embargos às obras, onde foram levantados vários dos condomínios residenciais daquele bairro.

A única possibilidade de levantar, mesmo que parcialmente, informações sobre esses sítios arqueológicos desconhecidos seria realizando entrevistas com os trabalhadores dessas obras (engenheiros, operários e mestres de obras) que se dispusessem a revelar histórias não contadas,

para que pudéssemos ter pistas sobre o que se evaporou de patrimônio arqueológico na poeira das obras, principalmente na Barra da Tijuca.

Entre os patrimônios arqueológicos perdidos em Jacarepaguá, ao longo dos anos, estão alguns sambaquis de mais de quatro mil anos, que seriam os mais antigos do nosso município. Os sambaquis (palavra que vem do tupi e que significa amontoado de conchas) são verdadeiros monumentos levantados pelas mãos humanas!! A arqueóloga Madu Gaspar os define como:

“uma elevação de forma arredondada que em algumas regiões do Brasil, chega a ter mais de 30 m de altura. São construídos basicamente com restos faunísticos como conchas, ossos de peixe e mamíferos. Ocorrem também frutos e sementes, sendo que determinadas áreas dos sítios foram espaços dedicados ao ritual funerário e lá foram sepultados homens, mulheres e crianças de diferentes idades. Contam igualmente com inúmeros artefatos de pedra e de osso, marcas de estacas e manchas de fogueira(...) . Os restos que mais sobressaem na composição dos sambaquis são as conchas (...) e os mariscos”

Esses sambaquis, por conta da grande presença de conchas, foram explorados durante o período colonial, imperial e até o início da república como caieiras. Para

quem nunca ouviu falar da palavra “caieira” ela significa fábrica de cal, isto é, local onde se extraía o óxido de cálcio, substância branca que se obtém reduzindo, pelo calor, as conchas dos sambaquis, para conseguir a cal, muito usada na construção civil até o início do século XX, quando foi substituída em larga escala pelo cimento.

A cal continua sendo usada nas fábricas de gesso e para acabamento de argamassa, agora extraídas principalmente de rochas calcárias e não mais de sambaquis, por conta da legislação que proíbe a destruição desses monumentos.

Os Sambaquis da Estrada da Caieira

Esses sambaquis que denominei Caieira I e II, na Estrada da Caieira não foram registrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e não existiam citações a seu respeito feitas por arqueólogos. A existência deles foi demonstrada a partir do cruzamento das informações coletadas por Magalhães Correa, em 1931, em matéria publicada no jornal Diário da Noite, de 25 de novembro de 1931, e pela descoberta de anúncios referentes ao funcionamento de duas caieiras, em Jacarepaguá, perto da Porta D'Água, em diversas edições do Almanak Laemmert, entre os anos de 1891 e 1901.

Entre as principais características dos sambaquis fluminenses verificaremos que não ultrapassam de quatro metros de altura, que existe uma associação “entre o espaço de moradia e o local de sepultamento¹”, sendo que “o ritmo rotineiro de acumulação de restos faunísticos estava associado à alimentação”. Quando examinamos as descrições feitas pelo jornalista Magalhães Correa elas nos trazem a certeza que ali existiam esses locais de moradia e vivência dos povos sambaquieiros cariocas.

A reportagem com o título “O caminho da Caieira” publicada no jornal Diário da Noite, de 25 de novembro de 1931, segunda edição, página 13, escrita por Magalhães Correa descreve:

“Ao visitar estas paragens fui interdito de passar pelo Caminho da Caieira,

mas fazendo a volta de 10 quilômetros encontrei por acaso um velho carioca na Estrada do Gabinal, homem de 70 anos, morador há trinta anos naquela estrada, antigo sacristão da matriz de N.S. do Loreto e trabalhador da Caieira, onde hoje passa o caminho do mesmo nome. Disse-me ele: - “nas escavações que praticamos, nos montes ou camadas superpostas de ostras, encontramos enormes ossos humanos, que foram enterrados em covas apropriadas dizendo que pertenciam a seres anti-diluvianos” (meros ossos dos mortos selvícolas). E continuando indicou-me os lugares em que existiam naquela época esses montes de ostras denominados “Sambaquis”. E que ainda hoje se poderá examinar em Itapeva, na fazenda do Engenho D'água e na chácara de madame Grimal. O “sambaqui” extinto do Caminho da Caieira está situado entre os Rios Caieiro (cuja ponte foi retirada ou levada pelas águas) e o Rio do Porto (onde dois troncos (toras), sobre bases de alvenaria, dão passagem) e distante do Oceano Atlântico 7 quilômetros em linha reta, e altura de 3 a 4 metros do nível do mar.” (grifos nossos)

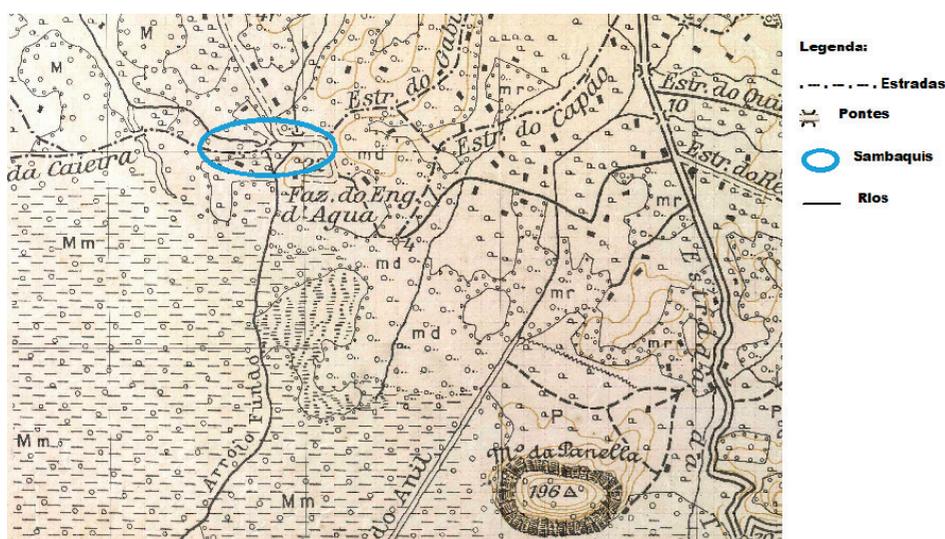
O texto é claro ao caracterizar que o local aonde a Caieira funcionava era um sambaqui, pois a área tinha “camadas superpostas de ostras”, presença de “ossos humanos” e “altura de 3 a 4 metros do nível do mar”, características presentes nos diversos sambaquis fluminenses.

Na própria notícia percebemos também que existiriam mais três outros locais em que eram visíveis os restos de sambaquis, conforme informa Magalhães Correa: “em Itapeva, na fazenda do Engenho D'Água e na chácara de madame Grimal”, para os quais não temos outras informações.

**Historiador e pesquisador da história carioca.*

¹ Gaspar, Madu. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

O jornal se encontra digitalizado e pertence a Hemeroteca da Biblioteca Nacional, podendo ser visualizado no seguinte endereço: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_01&pasta=ano%20193&pesq=Estrada%20da%20Caieira



A figura em Detalhe da Carta do Distrito Federal onde está assinalada a área onde poderiam estar os sambaquis, em azul, descritos por Magalhães Correa.

(Fonte: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1409647/cart1409647.pdf>)

Continua toda pesquisa dos Sambaquis da Estrada da Caieira, em Jacarepaguá, no site do jornal
Acesse: jaajrj.com.br

JAAJ

(21) 97143-4821

**Fale
Conosco!**



Cíntia Travassos
Produtora

é o grande poeta de Slam de Jacarepaguá

Cláudio Santos, conhecido como Zulu 4-Ó, é cria da comunidade da Asa Branca, em Curicica. Seu envolvimento com a arte já vem desde pequeno, quando escrevia histórias em quadrinhos e vendia na rua onde mora para os vizinhos por R\$ 0,10 (dez centavos).

O seu interesse pela poesia surgiu no interior da Paraíba, quando ele via o seu avô Dino cantando músicas ritmadas em sua cadeira de balanço, e achava fascinante. Santos queria muito imitar o avô, mas aqui no Rio de Janeiro não havia nada parecido, e foi então que ele foi ao encontro do rap, e passou a escrever poesias rimadas. A partir daí, começou a produzir eventos na rua e a fazer parte do movimento cultural de Curicica em apoio ao JR, que era o fundador e organizador do evento.

Em 2016, foi convidado para participar

do Movimento Slam na Flup, na Cidade de Deus, onde pôde conhecer melhor o movimento, e foi amor à primeira vista. Esse evento proporcionou trocas incríveis, com poetas do mundo todo. Ele sentiu a necessidade de fazer algo nessa área da cultura e começou a produzir o “Nós da Rua”, que fez muito sucesso, dando início a vários slams.

Diante da dificuldade de os poetas irem até Curicica, Santos começou a garimpar poetas dentro da própria comunidade, para que o slam não acabasse. Nesse período conheceu crianças que escreviam e liam muito, mas não tinham como e onde expressar seus talentos, e a oficina de poesia veio para resgatá-las e desenvolver o lado artístico delas. A oficina de slam começou em 2018, e foi um sucesso. Mas a pandemia chegou como um furacão, e ela teve que ser interrompida. A grande preocupação de Cláudio Santos é retomar e reformular a oficina para que as crianças



Foto: Marina Alves

Legenda: Poeta Zulu 4 – Ó é membro da Universal Zulu Nation, escritor e produtor

não fiquem sem atividades.

O seu maior sonho é produzir, viver do hip hop, que é a cultura em movimento que ele acredita, para dar melhor qualidade de vida aos seus pais. A sua fonte de inspiração é o seu pai, pois apesar de ser uma pessoa humilde, é muito determinado, e isso faz com que Santos continue na luta pelos seus ideais.



Foto: Beatriz Coelho

A oficina de poesia falada Slam com as crianças da comunidade Asa Branca



Vanessa Guida

Série Arte Etc. & Tal Arte e Educação



Oi, pessoal! Até dezembro deste ano vou trabalhar o conteúdo ARTE, combinado com outro assunto. Hoje, para começar, vou falar de Arte e Educação. E já acrescentando uma pergunta: o que o ensino de artes e o enfrentamento à Covid-19 têm em comum?

Parece que nada, né? Mas tem sim. Em tempos de pandemia, confinamento, insegurança e escolas fechadas, a expressividade juvenil foi bastante tolhida. “Cresceu a proporção de jovens que pensou em parar de estudar durante a pandemia no Brasil. Além disso, as dificuldades impostas pela crise sanitária causam impactos acentuados na saúde física e mental de pessoas de 15 a 29 anos no país.”

Os dados são da segunda edição da pesquisa “Juventudes e a Pandemia do Coronavírus”, feita pelo Conselho Nacional da Juventude (Conjuve). No entanto, esta possibilidade de evasão escolar precisa ser combatida e, para isto, a escola tem o papel fundamental de propiciar um ambiente seguro e, a família, de incentivar os alunos a frequentar as aulas. Para que esta reaproximação funcione, as aulas de/com

artes podem ser fundamentais.

Historicamente, períodos de crise como pandemias e guerras terminaram por inspirar artistas a criarem obras com essa abordagem, o que gera reflexão e diálogo social de extrema relevância. Por meio de estudos e pesquisas, sabemos que a prática artística, mesmo que amadora, ou no ambiente escolar, é capaz de promover uma série de mudanças positivas no indivíduo, como estimular a imaginação, o conhecimento e a curiosidade de crianças e jovens, além de diminuir os níveis de estresse e ansiedade.

Práticas artísticas também tendem a aumentar a capacidade de concentração, organização e autoestima, o que possibilitará que eles lidem melhor com a situação que estamos enfrentando coletivamente.

E como disse Paulo Freire: “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo...”

Agosto: viva a poetisa Cora Coralina

Valéria Barbosa
Escritora e produtora cultural

Mês dedicado à poetisa Cora Coralina e à força da poesia feminina. Durante anos a mulher fez e faz poesias, mas nem sempre pôde assinar a autoria de suas obras. Nas rodas de sarau há 10 anos, aproximadamente, poucas participavam, estavam nas ruas, declamando, ou ousando cantar seus versos em público.

Muitas vezes saí do bairro onde moro para falar para a lua em diversos becos, vielas e ruas. Ventei muita poesia na rua Alcindo Guanabara, em frente à ocupação Manoel Congo, na Cinelândia, no Sarau Apafunk e no Sarau Divergente. No largo da Prainha, na Praça Mauá, ventei e cantei poesias, em Santa Cruz, em Campo Grande, em Acari, na Taquara, na Cidade de Deus, e no mundo, com o voar das roupas, onde meus versos são escritos pelas mulheres da Pequena África, no Cais do Porto.

Ventei poesia em faculdades, nos terreiros, na vida, e hei de ventar enquanto a minha mente puder criar e gritar.

Por Cora Coralina, o meu amor, por Carolina Maria de Jesus, minha gratidão, e a certeza de que a vida por vezes é dura por conta da cor da pele, da condição social, mas a poesia é amante do Tempo e registra o valor destas e de outras tantas mulheres.

Raquel de Queiroz, Cecília Meireles,



Foto: ebiografia

Nossa poetisa Cora Coralina

Jeovánia P., Edna Coimbra, Eliane Debus, Alyane Delquies, Biah Carfig, Mery Onírica, Lindacy Felix, Nilza Costa... Tantas e tantos que cumprem a função de deixar o mundo mais reflexivo e belo.

79ª Edição do Sarau na Favela
10/8/2021

Homenagem à poetisa Cora Coralina
https://youtu.be/W0n_pRU7UeY

CORA CORALINA - Poetisa brasileira

Data do Nascimento: 20/08/1889

Data da Morte: 10/04/1985 (aos 95 anos)

Unesco concede o título de “Patrimônio Mundial” ao Sítio Roberto Burle Marx



Yakaré Upá Guá

Professor Val Costa
Texto & foto

Na bucólica Barra de Guaratiba, localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, se encontra um ícone do paisagismo brasileiro: o Sítio Burle Marx. Essa propriedade, anteriormente chamada de Santo Antônio da Bica, foi comprada pelo artista plástico Roberto Burle Marx e pelo seu irmão, Guilherme Siegfried Marx, em 1949. Burle Marx, autor de mais de três mil projetos de paisagismo em 20 países, mudou para o sítio em 1973, tendo residido nele até a sua morte, em julho de 1994.

Com uma área de 365.000 m², a propriedade possui cerca de 3.500 espécies de plantas tropicais e subtropicais. O sítio também tem o Museu-Casa de Burle Marx, onde existe um acervo de 3.125 peças, incluindo imagens barrocas, cerâmicas pré-colombianas e obras do próprio paisagista (pinturas, desenhos, tapeçarias e murais em azulejos). O prédio da administração possui uma biblioteca com cerca de 2.600 títulos em botânica, arquitetura e paisagismo.

A principal atração histórica da propriedade é a Capela de Santo Antônio da Bica, construída em 1690 por Belchior da Fonseca Dória. Em 1710, quando o corsário Jean-François Duclerc aportou com 1200 homens nas praias



Capela de Santo Antônio da Bica

da atual Zona Oeste carioca para tentar invadir a cidade do Rio de Janeiro, esse pequeno templo foi saqueado e queimado pelos franceses. Após adquirir o sítio, os irmãos Marx restauraram a capela, com assessoria do arquiteto e urbanista Lucio Costa. Essa igreja ainda hoje é utilizada pelos habitantes da região para cerimônias religiosas e festas.

Em março de 1985, Burle Marx doou o sítio ao governo federal, que atualmente o administra através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Em janeiro de 1988, toda a propriedade foi tombada pelo



Sítio Burle Marx

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – INEPAC. Apesar da Portaria 321, de 12 de junho de 2002, ter homologado o tombamento do sítio pelo IPHAN, somente em 4 de agosto de 2003 o bem foi inscrito no livro tomo das Belas Artes. No dia 27 de julho de 2021, o Sítio Roberto Burle Marx se tornou Patrimônio Mundial, na categoria Paisagem Cultural, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Esse é o 3º bem carioca que recebeu esse título. Também estão na lista o Cais do Valongo e as paisagens cariocas entre as montanhas e o mar.



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Texto e foto:
Prof. Val Costa

IHBAJA completa 10 anos de sua refundação

O mês de abril de 2021 marcou os 10 anos de refundação do Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá - IHBAJA. Formado originalmente em 2007 com o nome de Instituto Histórico de Jacarepaguá – IHJA, o grupo teve as suas atividades paralisadas após o falecimento da então presidente Heluana Macêdo, em 2010. No ano seguinte, os professores Val Costa e Renato Dória reconstruíram o grupo e iniciaram uma nova fase do instituto, desenvolvendo parcerias com movimentos sociais, instituições de ensino e jornais da região. Nesse período, passaram a pertencer ao coletivo os pesquisadores Janis Cassília e Leonardo Santos.

Ao longo desses 10 anos, o IHBAJA recebeu diversas premiações pelos serviços prestados nas áreas de pes-

quisa, preservação e divulgação do patrimônio material e imaterial. Dentre os quais, a Moção de Louvor e Reconhecimento concedida pelo ex-vereador Leonel Brizola Neto e o Prêmio Miriam Mendonça de Cultura.

Atualmente, existem duas grandes linhas de pesquisas no Instituto, uma é sobre o período Colonial-Imperial e a outra sobre História Contemporânea, com ênfase na atuação dos movimentos de esquerda na Região da Baixada de Jacarepaguá.

Acompanhe o IHBAJA na Internet

Blog: <http://ihbaja.blogspot.com/>

Facebook: <https://www.facebook.com/ihbaja/>

Instagram: <https://www.instagram.com/ihbaja/>



Val Costa, Cleonice e Renato Dória na entrega do Prêmio Miriam Mendonça



Moção dada pelo vereador Brizola Neto

Cíntia Travassos na Rádio 107,5 FM Jacarepaguá

A melhor rádio de Jacarepaguá agora na web. É só clicar no link: radiorjfm10750emjpa.com.

Cíntia Travassos, colunista do *Jornal Abaixo-Assinado*, está a todo favor com um programa aos domingos, das 11 às 14h, na *Rádio 107,5 FM Jacarepaguá*, com dicas de gastronomia e de eventos culturais na Baixada de Jacarepaguá.

**RJ 107,5 FM
Jacarepaguá**



FM
RJ 107,5
WEB

radiorjfm10750emjpa.com
Robson Vivendo - Claudio Ligue Ligue